

SOUZA, Regina de Magalhães. *O Discurso do Protagonismo Juvenil*. São Paulo: Ed Paulus, 2014.

Vilém Flusser e a *Bodenlos*: Investigação acerca da falta de fundamento na Pós-História

Iago dos Santos Rabelo³⁸

Palavras-chave: Vilém Flusser, *Bodenlos*, Pós-História.

Resumo

O presente resumo é uma síntese da minha dissertação (em curso) que tem como objetivo principal trazer à tona uma investigação a respeito da falta de fundamento na Pós-História a partir do filósofo tcheco naturalizado brasileiro Vilém Flusser (1920 - 1991). A pesquisa tem como consequência filosófica e intelectual a compreensão do lugar da gente numa sociedade que se baseia em novos tipos de imagens, a saber, imagens técnicas. Tal compreensão de um tipo de situação para o qual caminhamos faz com que possamos ver, do ponto de vista ontológico, isto é, existencial, a maneira como estaremos posicionados numa sociedade pós-histórica. Conforme entendemos de que maneira as imagens técnicas impactam e nos guiam enquanto mapas, entendemos também que o futuro imediato se justifica através das mudanças advindas dos novos *medias*, de modo que estes nos programam desde já para o futuro que parece não ter nenhum tipo de chão ao qual possamos, toda a gente, se agarrar.

O homem sem chão estará lançado às novas visualidades, será lançado a situação nova, uma situação pós-histórica que se constrói hoje. Em suas profecias, Flusser nunca abre mão de profetizar a respeito do futuro imediato da gente que vive utopicamente, o que significa dizer que a gente tende a viver a *Bodenlosigkeit*, isto é, a “falta de fundamento” porque vivemos sem ter em que agarrarmos-nos, justamente porque a consequência de uma existência sem fundamento na sociedade pós-histórica é o resultado do engajamento existencial às novas imagens, que prende a gente não mais à concretude da realidade do mundo formada por imagens tradicionais, porém somente às estruturas dimensionais construídas por pontos - *bits*.

A gente, portanto, tende a caminhar rumo ao universo das imagens técnicas, precipitando nosso estar-no-mundo em direção ao abismo zero-dimensional de uma realidade que se configura ciberneticamente, de maneira virtual. Suas profecias, em certo sentido, podem ser entendidas como pequenas advertências de um futuro que será sintetizado a partir

³⁸ Graduado em Filosofia pela UFS e mestrando em Filosofia pela UFMG na linha de pesquisa Estética e Filosofia da Arte, tendo como orientação o Prof. Dr. Rodrigo Duarte.

de aparelhos que disponibilizam à sociedade tecno-imagens. Assim, a gente estará agarrado em áreas imaginárias, bem como toda a sociedade e, por conseguinte, ambos (homem e sociedade) estarão em lugar algum porque tudo o que diz respeito ao que nos caracteriza e o que categoriza o mundo já está em grande processo de mutação, assumindo, constantemente, uma nova superfície programada a partir da revolução cultural e comunicológica que trouxeram à tona as novas visualidades:

Fotografias, filmes, imagens de TV, de vídeo e dos terminais de computador assumem o papel de portadores de informação outrora desempenhado por textos lineares. Não mais vivenciamos, conhecemos e valorizamos o mundo graças a linhas escritas, mas agora graças as superfícies imaginadas. Como a estrutura da mediação influi sobre a mensagem, há mutação na nossa vivência, nosso conhecimento e nossos valores. (FLUSSER, 2008, p.15)

Neste sentido, a proliferação e flutuação das tecno-imagens evidencia a circunstância nova apresentada conceitualmente pelo filósofo como sendo *pós-histórica*, isto é, um novo contexto que está além da escrita linear e processual, que busca, mediante os aparelhos, a imbricação estreita com a realidade concreta, transformando-a em virtual conforme o programa instalado no interior dos aparelhos que estão sempre à espreita para dar o bote e os aparelhos são construídos por programadores que, por sua vez, são também programados, cuja finalidade última é minimizar ao máximo os jogadores e suas potencialidades, bem como as individualidades.

A maneira como a gente abstrai e manipula o mundo (os mundos, melhor dizendo) condiz com os modos de viver, conhecer e valorizar mediado pelos meios de comunicação. A partir do momento que mudamos estes *medias*, então modificamos a mensagem em si, e, conseqüentemente, a gente se modifica juntamente com o mundo. Entender o meio significa apreender o método como as coisas funcionam. Esta modificação tem como consideração básica tudo aquilo que faz a humanidade ser, de fato, *homo sapiens*: trabalhar, viver, comunicar, morar, vestir, imaginar, estudar, relacionar, etc. Neste sentido, a atenção deve ser direcionada àquilo que faz a mediação entre sujeito e objeto, porque a tendência do clima da falta de fundamento é corroer, através do seu ácido do absurdo, as bases que dão sentido às coisas. Sem nenhuma base razoável, a tendência da sociedade pós-histórica é a esterilidade de qualquer tipo de solo, sendo incapaz de fertilizar a vida.

Se a tendência natural das coisas é agir conforme sua disposição prévia, então devemos manter esta naturalidade o mais protegido possível, isso porque o aspecto estéril da pós-história tenderá a confiscar da gente uma capacidade que é apenas nossa e a qual desfrutamos, a saber, a de estar-no-mundo deliberadamente. A gente na sociedade futura tenderá a fazer parte apenas de contextos relacionais, sem que disponhamos de qualquer

espontaneidade, isto é, sem que sejamos livres. A tendência da programação completa -, por exemplo, a robotização sutil da sociedade - será resultado do tipo de programa instalado no interior das *caixas pretas*, isto é, dos aparelhos.

Os aparelhos contêm dois lados: o de dentro (*input*) e o de fora (*output*). Enquanto usuários, a gente tem em mãos apenas a imagem da coisa utilizada (e nunca a coisa mesma). Como as tecno-imagens são ocas, nada têm a oferecer ao usuário, senão uma informação atrás da outra. Sem filtro. O problema é que, se hoje temos imagens capazes de nos guiar, a gente no futuro poderá não nos servirmos das mesmas imagens, como aponta Vilém Flusser:

O mundo deve ser “informado” segundo tal mundividência, segundo tal “ideologia”. Mas toda mundivisão é fugaz, sujeita ao esquecimento, e portanto não merecedora de confiança enquanto modelo. E, pior ainda, toda mundivisão é privada e inacessível a outros. O desafio lançado ao futuro produtor de imagens é o de fixar sua mundivisão, e o de torná-lo publicamente acessível, a fim de que possa servir de mapa. (FLUSSER, 2008, p.20)

Portanto, a constante mudança (neste sentido, efêmera, líquida) das imagens tenderá a não criação de nortes para a gente, dado a vacuidade presente naquelas. Às imagens, restarão apenas a informação a respeito de algo. À gente, restará apenas as pontas dos dedos como emissores e receptores, cada um preso às celas *multimídias*.

Assim, a questão que se segue enquanto problemática é a de que toda a gente no futuro residirá numa sociedade puramente informacional guiado através dos novos *medias* e não estará em lugar algum porque as tecno-imagens, construídas pelos aparelhos, modificará o modo do ser de estar-no-mundo enquanto detentor do poder de abstração, sendo o processo de abstração aquilo que nos diferencia do animal. O caminho desse ente abstraidor é, gradualmente, afastar-se do mundo concreto, cujo a principal consequência é tornar-se um alienado. Alienar-se significa se afastar do mundo enquanto possibilidade de estar junto a algo, a alguma coisa, é não ter chão algum para parar. É, também, tornar-se idólatra de imagens, portanto, incapaz de decifrar qualquer ideia. E, acima de tudo, tende a afirmar a perda da fé em quem somos.

O ácido do absurdo corrói qualquer tipo de fundamento, quando isso acontece temos a sensação de que estamos “boiando”. Eis como se apresenta o clima da falta de fundamento na pós-história. A gente quando boia, boiamos porque nada, no sentido metafórico, entendemos. A presença de sentido é dada através daquilo que nos apoiamos, assim como tem sentido se agarrar à bóia no mar para não nos afogarmos quando não sabemos nadar. Todavia, uma única opção de sentido da vida é insuficiente à dimensão do mar-mundo, porque a permanência na superfície do mar-mundo tem o nada por horizonte, fazendo com que a

movimentação da bóia seja sem significado e qualquer caminho serve. A vida absurda é resultado de um pensar absurdo e de um funcionamento absurdo, removendo, gradualmente, o chão que pisamos.

A Pós-História anunciada (profetizada, melhor dizendo por Flusser será a situação nova do homem que vive utopicamente. A atmosfera presente na sociedade industrial segue o fluxo rumo à concretização da era pós-histórica (pós-industrial), transformando “[...] todo fenômeno, inclusive o humano, em objeto de conhecimento e de manipulação”, cujo clima “[...] somos condenados a viver doravante” (FLUSSER, 2011, pp. 26-27). Tudo isso teve início, segundo o filósofo, em Auschwitz, quando foi realizado o primeiro programa da cultura Ocidental, ao passo que não para por aí, mas vai se atualizando como um *script* já embutido na cultura:

Por cento: a transformação de homens em cinza é técnica social primitiva, incipiente, e vai-se refinando. Será seguida de objetivações menos brutais, sempre manipulação objetivante do homem. Embora os aparelhos do futuro imediato não sejam necessariamente fornos de incineração, serão todos, e não apenas os nucleares, aparelhos para o aniquilamento do homem. (FLUSSER, 2011, p. 26)

A tessitura flusseriana percorre o conhecimento das *caixas pretas*, tanto em termos micro quanto em termos macro, aonde reside a esperança de que o projeto inicial não devore a gente e que a gente não perca a liberdade de sermos o que somos, já que as inúmeras virtualidades do aparelho ainda não foram realizadas, e que, portanto, ainda busca minimizar as potencialidades do ente abstraidor a fim de aniquilá-lo. Tal esperança para uma saída mais humana é através dos sentidos que a arte pode dar para a gente, de modo que uma espécie de “educação estética” seja incorporada na cultura para que toda a gente possa aprender a mergulhar, sair da superfície e imergir no próprio estar-no-mundo conforme a liberdade que nos é concernente.

BIBLIOGRAFIA

- FLUSSER, Vilém. **Bodenlos: uma autobiografia filosófica**. São Paulo: Annablume, 2007
- FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade**. São Paulo: Annablume, 2008.
- FLUSSER, Vilém. **Pós-História: vinte instantâneos e um modo de usar**. São Paulo: Annablume, 2011.